

1. Grupo de Campolide, 1976
2. 'A Noite', de Saramago, 1979
3. 'Mãe Coragem', de Brecht, com Teresa Gafeira, 2001
4. Morais e Castro em 'O Fazedor de Teatro', 2004



Joaquim Benite: o prazer de partilhar o teatro

Óbito. Morreu aos 69 anos o encenador e diretor da Companhia de Teatro de Almada, responsável pelo Festival de Teatro de Almada

MARIA JOÃO CAETANO

Diziam que tinha mau feitio, ele dizia que era obstinação. Foi essa obstinação que o fez levar o seu Grupo de Campolide para Almada, em 1978, deixando o público que até então tinha conquistado para começar tudo do zero e formar novos públicos entre os trabalhadores da região. A obstinação com que em 1984 criou Festival de Teatro de Almada, que se internacionalizou e apresentou aos portugueses autores e espetáculos do leste da Europa, da América Latina, de África, até se tornar um evento único no teatro em Portugal. A obstinação com que lutou pela construção de um teatro novo em Almada e que acabou por inaugurar em 2005, o Teatro Azul.

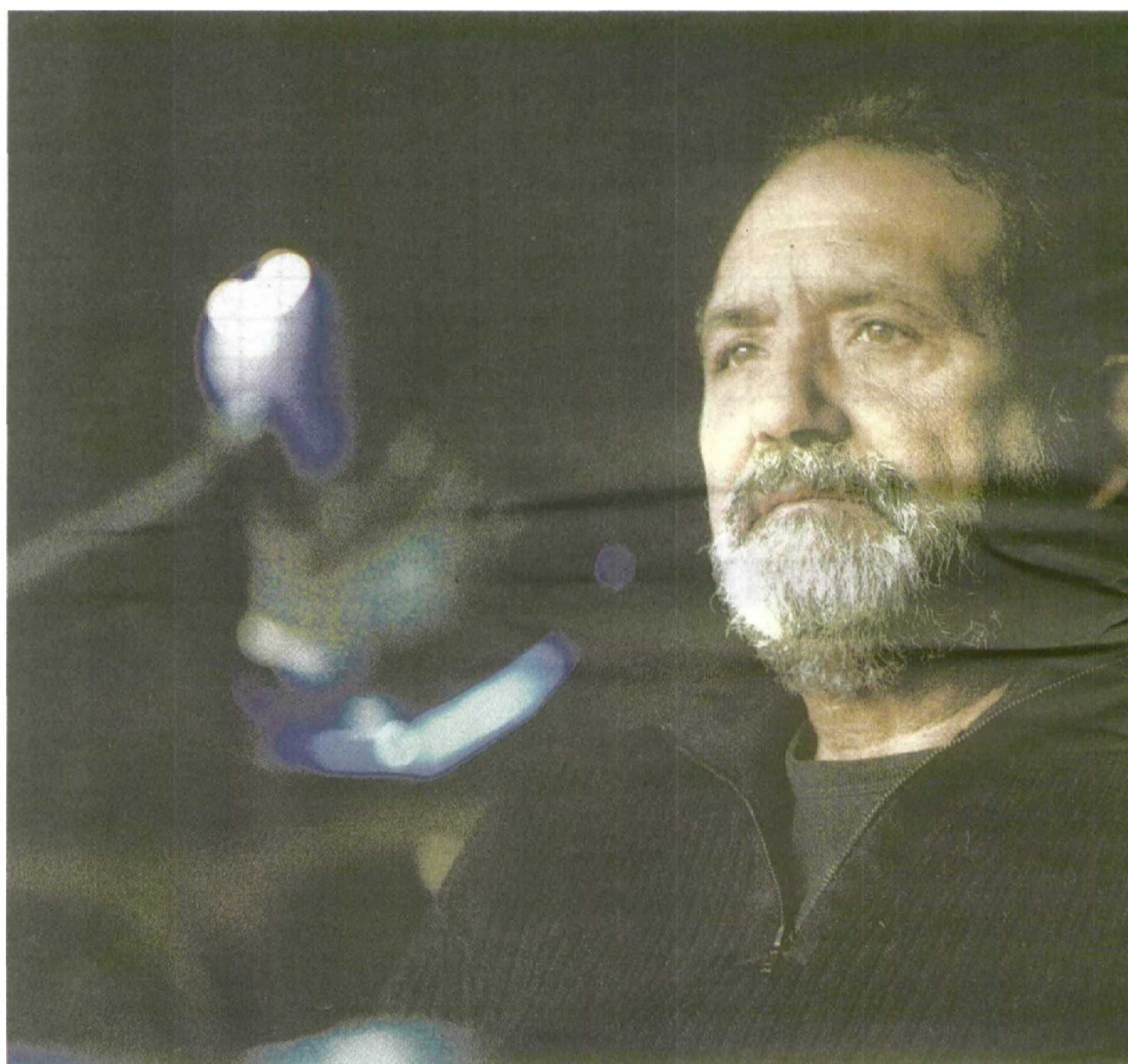
Joaquim Benite, encenador e diretor da Companhia de Teatro de Almada, morreu ontem aos 69 anos, na sequência de complicações respiratórias motivadas por uma pneumonia. Foi ele que colocou Almada no panorama do teatro nacional e internacional. E foi ele que colocou o teatro nas pessoas de Almada. A sua "obra-prima", como disse Jorge Silva Melo, "são os seus espetadores, gente calorosa e atenciosa, que se percebe que vai aos espetáculos porque gosta. É a grande herança dele, um

teatro que chegou a todos".

Benite tinha um prazer enorme nisso. Em fazer ou descobrir espetáculos e depois partilhá-los. Todos os anos, em julho, lá estava ele, no bar da Escola D. António da Costa, onde tradicionalmente é instalado o Palco Grande do festival, ao ar livre, a receber os espetadores, com um cigarro na mão, e depois no final, a trocar ideias sobre o espetáculo, a beber um copo. O teatro era para ele um momento de partilha e de debate.

Joaquim Benite nasceu em 1943 e aprendeu a gostar de teatro com o pai, empresário dos teatros Gymnasium, Trindade e Politeama, e com o tio, maestro e compositor de músicas de revistas. Na família, o teatro era tão importante quanto a política. Aos 14 anos estava na campanha de Humberto Delgado, aos 15 viu *À Espera de Godot*, de Beckett, no Trindade.

Aos 19 anos, já jornalista, começou a fazer crítica de teatro no *República* e depois no *Diário de Lisboa* e *Século*. "Ao fim de uns seis anos pensei que gostava mesmo era de fazer teatro. Passei da formação livresca às agruras da prática." O Grupo de Teatro de Campolide estreou-se a 21 de abril de 1971 com a peça *O Avançado-Centro Morreu ao Amanhecer*, de Agustin Cuzzani. No dia seguinte, no jornal *O Século*, Urbano Tava-



Joaquim Benite (1943-2012): "A melhor peça é a que vou fazer a seguir"

res Rodrigues escrevia: "É uma experiência jovem, ousada, (...) o desejo de implantar o teatro no povo, numa sociedade recreativa, com meios cénicos pobres, imaginação, ardor e a intenção de levar o espetador a concluir por si."

O grupo, lembra o encenador João Mota, da Comuna, "foi uma pedrada no charco". Benite deixou de fazer crítica, durante alguns anos foi jornalista profissional e encenador amador. Até que em 1975, despedido de *O Século*, passou a dedicar-se só ao teatro.

Poucos como ele terão percebido a necessidade de descentralização. Quando o Grupo de Campolide saiu de Lisboa perdeu grande parte do seu público. Teve de começar do zero. Mais do que ter grandes sucessos, nesta altura o importante, dizia Benite, era "que se vá formando um público (...) O

nosso objetivo essencial é esse: criar uma consciência da necessidade da cultura. E um processo muito lento, que não passa só pelo nosso esforço". Um projeto que desenvolveu ao lado de Teresa Gafeira, mulher e atriz "coragem" de muitos dos espetáculos. O passo seguinte foi o festival. O maior festival de teatro em Portugal.

Benite pertencia ao Partido Comunista mas a sua intervenção política passa sobretudo pelo teatro que fez ou que fez acontecer. Escolhendo textos de autores censurados ou falando dos problemas da nossa sociedade. Encenou Molière, Brecht, Lorca, Pushkin, Beckett, Shakespeare, Gogol, Eugene O'Neill, Mikhail Bulgakov, Camus, Edward Albee, Pablo Neruda, entre tantos outros. "A insatisfação é a base da arte. Para mim, a melhor peça é a que vou fazer a

seguir", disse ao DN, em 2011.

Perguntavam-lhe muitas vezes porque é que não escrevia as peças que queria encenar. Em 2000, responde assim ao DN: "Ser escritor não é mais importante do que ser encenador, ou ser encenador não é mais importante do que ser jornalista. O importante é ser feliz. Os encenadores não têm posteridade. (...) Isso dá-me uma sensação de liberdade e impunidade." Davalhe felicidade. E isso era o mais importante. Porque, apesar de tudo, garantia que o teatro não era para si uma missão. "O teatro é uma coisa que as pessoas fazem porque gostam e as outras veem porque lhes dá prazer."

O funeral de Joaquim Benite realiza-se hoje, a partir das 14.45, da capela de Santa Joana Princesa, em Lisboa, para o cemitério do Alto de São João. **com Lusa**



DEPOIMENTOS

“
[Joaquim Benite] foi um dos nomes que mais contribuíram para a internacionalização e divulgação [do teatro português]”

ANÍBAL CAVACO SILVA
PRESIDENTE DA REPÚBLICA

“
Portugal perde um dos seus mais prestigiados encenadores e uma figura relevante do movimento de renovação do teatro”

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

“
Andámos juntos nos cafés de Lisboa, na boémia da oposição jornalística. A quantidade de grupos amadores que há em Almada deve-se ao trabalho permanente dele”

JORGE SILVA MELO
DIRETOR DOS ARTISTAS UNIDOS

“
[Joaquim Benite entregou-se] com uma dedicação e entusiasmo e uma quase obsessão a criar públicos, a manter viva uma tradição teatral”

MARIA HELENA SERÓDIO
PRESIDENTE DA APCT

“
Como homem de teatro, Joaquim Benite tem uma dimensão de uma relevância sem par no tecido cultural português. Pôs Portugal no roteiro cultural da Europa”

CUCHA CARVALHEIRO
DIRETORA DO TEATRO DA TRINDADE